

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Sessão de 27 de Janeiro de 1956

Posse do Acadêmico Padre JOSÉ PEREIRA NETTO,
recebido em nome do sodalício pelo Acadêmico
Desembargador ANDRÉ VIDAL DE ARAUJO.



Cart. S. J. Netto

MANAUS — AMAZONAS



Iniciando os trabalhos, o Presidente PERICLES MORAES proferiu as seguintes palavras:

Engalana-se hoje a ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS para acolher faustosamente, na pompa de alto estilo da sua ritualística de protocolo, um príncipe de sangue azul de nossa aristocracia espiritual: o preeminente salesiano Padre José Pereira Neto, diretor do Colégio Dom Bosco.

Afigura-se-nos desnecessário, por supérfluo, erigir-lhe o elogio, como é das normas acadêmicas, da personalidade de exceção, tão resplendente é o panache de suas credenciais de inteligência e de cultura. O seu nome avulta superiormente entre as organizações de prol do nosso ambiente mental. Escritor, filósofo, sociólogo, pedagogo, mestre da tribuna de conferências — todos êsses raros predicados se congregam em tórno de sua mentalidade de escol, impondo-lhe, de repente, o prestígio e a admiração. Homem cerebral, com uma sensibilidade disciplinada, educado no isolamento monástico dos seminários, sob a vigilância dos excelsos apóstolos da Igreja, e a clarividência dos mestres clássicos do idioma, a sua formação humanística assim se processou, nela preponderando, por entre os reflexos brilhantes de uma inteligência compreensiva e de intuição profunda, as manifestações que lhe opulentaram a cultura. Em suas conferências, sedimentadas de ensinamentos religiosos, não existe apenas uma atitude mental em face do homem e do mundo. Existe, sobretudo, uma idéia-fôrça que as circulam e impulsionam, sem desviar-lhe os objetivos, supervisionando as concepções filosóficas que lhe definem o pensamento em ação, impregnando-as de colorido, harmonia e magnificência. E' o sentimento de solidariedade humana, é a sua cólera sagrada profligando os desmandos e as iniquidades dos homens, é a singular domina-

ção de sua eloquência, que embora desprovida de ênfase e de girândolas declamatórias, consegue persuadir e convencer, levando às consciências transviadas os eflúvios balsâmicos de suas prédicas apostolares.

Que dizer do seu estilo de escritor? Já emancipado do ranço anacrônico dos vernaculistas caturras e pachorrentos, trata-se de um estilo poemático, incrustado de ornatos de alabastro e filigranas de ouro e púrpura, sendo que, as mais das vezes, é tão límpido e translúcido, que se assemelha à irradiação cambiante de um cristal. A forma estética predomina em seus processos de composição. Vêde-o, por exemplo, na beleza e no tocante enternecimento com que delineou, em largos panejamentos, o perfil helênico de Leopoldo Péres, que foi o último, e certamente o mais renomado, dos três ocupantes da poltrona 21, cujo patrono é Tenreiro Aranha. Afirma, de início, no grande discurso que ides ouvir dentro de alguns instantes, não ter tido o enlevo de conhecê-lo pessoalmente. Sem embargo, projeta-lhe o retrato com tamanha segurança e exatidão de contornos, como se estivesse na convivência do laureado homem-de-letras por anos fecundos e dilatados. Com a finura e a introspecção de um psicólogo, destrinça-lhe os filamentos da sensibilidade e ostenta-lhe as facetas impressionantes do temperamento de artista, sem lhe disfarçar os recalques e idiosincrasias, deixando em evidência as virtudes precípuas, entre as quais ressalta a cultura polimática, que se dirige a todos os setores do conhecimento humano, que atua vigorosamente em todos os sentidos, fixando-lhe a impressionante personalidade. Na oração lapidar do ilustre sacerdote, o sociólogo de "Política e Espírito do Regime", exsurge de corpo inteiro. Sente-se-lhe a vastidão ciclópica da cultura, das maiores do seu tempo e de sua geração, cultura amadurecida, condensada e aprimorada aos influxos das ardentias do sol equatorial, cujo calor contribuiu para que as suas idéias tomassem expressão, profundidade e clareza, reproduzindo-se em florações exuberantes, a fim de que a sua obra fôsse um milagre de inteligência e perfeição. Esse retrato literário de Leopoldo Péres é de nitidez incontrastável. Fala, estremece, vibra e emociona na contextura de suas perspectivas estéticas.

Não caberia nestas breves palavras, mesmo em síntese vertiginosa, compassar-lhe o diâmetro das idéias que contribuíram para a formação humanística, saturada de um requintado sentido de beleza moral e religiosa. Tendo a obsessão dos livros, que tanto lhe estimularam as incursões do

espírito especulativo, quem intentasse recompor a fisionomia do pensador, haveria de aludir às suas numerosas peregrinações através do mundo de sabedoria que encerra a obra dos filósofos antigos e modernos, de cujas idéias, no transcurso de suas conferências paradigmáticas, se tornou o intérprete e evangelista.

Tal o esboço, em linhas apressadas, da configuração mental dêsse grande preliador católico, da estirpe de Leonel Franca, que fez dos itinerários ideológicos de sua vida espiritual e das reservas inesgotáveis do seu devotamento à Igreja de Jesus Cristo, a vibrante e radiosa expansão do ritmo criador de sua inteligência. São dêsse molde os recursos da palavra oracular do sacerdote que tanto honra o clero brasileiro, e que nesta hora ingressa em nossa Academia, para enriquecer-lhe, ainda mais, as respeitáveis tradições.

A oração doutrinária que será proferida dentro em pouco nesta Casa, consubstancia o valor, a lucidez, a complexidade de uma cultura que lhe reflete as concepções sociológicas e filosóficas, incorporando-as de certo modo aos problemas de ordem política e moral que afligem a nacionalidade.

A sua função de educador e mestre de gerações, inscreve-se entre as lendas mais reluzentes do Colégio D. Bosco. Concorrendo para a humanização da pedagogia moderna, na torja das lutas e dissabores, dos triunfos e viscissitudes, o Padre José Pereira Neto transformou a vida num apostolado de heroísmos e renúncias, no qual, como um professor de energia, de coragem e entusiasmo, descortinou novos horizontes e novas orientações pedagógicas, no intuito de esclarecer, incentivar e desenvolver a inteligência da juventude, a cujo ímpeto construtivo será confiada a grandeza e a hegemonia continental do Brasil de amanhã.

Como quer que seja, não chegarei ao excesso de Ronald de Carvalho, quando, numa hipérbole esfusiante, perfilando Graça Aranha, afirmou que o autor da "Viagem Maravilhosa" era o mais belo espetáculo da inteligência brasileira. Creio, entretanto, não me equivocar, asseverando que o Padre José Pereira Neto foi um momento admirável na evolução das letras planiciárias destes dias.

* * *

A nossa Academia, para erguer o panegírico do recipiendário, destacou um dos valores mais altos de sua nobiliarquia intelectual: o desembargador André Vidal de Araujo. Selecio-

namos-lhe o nome para a dignificadora missão de acentuar os relêvos estruturais do espírito filosófico do Padre José Pereira Neto, não só pela indisputável autoridade que exerce em nossas atmosferas sociais e literárias, como também, antes e acima de tudo, por ser o herdeiro legítimo do incomparável Francisco Pedro de Araujo Filho, jurisconsulto, tribuno, pensador e filósofo, arquétipo da Idade de Ouro do sodalício amazônico, e dos meus contemporâneos o mais ilustre. Reverenciando-lhe a memória, na "VIDA LUMINOSA", pequena biografia espiritual, classificada de "carlyliana" pela extrema generosidade de insigníssimo escritor, fixei comovidamente os lances trepidantes de sua existência, "que foi sempre da arraiada ao crepúsculo — valho-me ainda da imagem extasiante de Leopoldo Péres — um poema heróico, um ato de fé, uma exortação de energia e, sobretudo, uma síntese de beleza moral, de pugnacidade e altruísmo". Pensador cristão, portestandarte de uma geração insofrida e desalentada, que despertava ao influxo e sob a influência de suas idéias religiosas, irradiadas em fluxos magnéticos no Centro D. Vital, discípulo de Bergson e Jacques Maritain, que lhe aperfeiçoaram as diretrizes filosóficas e a pureza dos sentimentos, exegeta lúcido da obra de Blaise Pascal, que circunscribe e resume o ciclo solar da sagesse française, vale dizer, o ciclo dos moralistas daquela época privilegiada da história de França, de Montaigne a La Rochefoucauld, ao penetrante instinto metafísico dêsse fascinante André Araujo, que fez do exemplo de Léon Bloy a fórmula basilar de sua vida interior, estaria reservada a tarefa de situar, na plenitude de sua força e na transcendência de sua poesia religiosa, à maneira dos monges sábios de Port-Royal, os aspectos multiformes e sedutores de sua consciência católica.

* * *

Agora, elevai vossos corações. Sursum corda! O Padre José Pereira Neto vai depor para os arestos da posteridade. Acompanhem-lo em sua viagem de análise espectral, ao jeito de Keiserling, através da paisagem humana de três vidas, duas das quais irremediavelmente mortas, sepultadas na poeira do olvido, sem que a sua palavra piedosa e refulgente seja capaz de ressuscitá-las; e a última, a de Leopoldo Péres, cujos clarões não se extinguem nunca e se renovam perpetuamente, para encher de esplendor e de glória as tradições do Silogeu amazônico.

Sr. Acadêmico Padre Pereira Netto:

Quiz o destino acender na heráldica de minhas graças acadêmicas, o rebrilhar deste encontro espiritual, no debate desta tertúlia, em que sempre se convertem o bem, o belo e o bom, na ação admirável da generosidade de nossos pares, todos cavaleiros em busca do Graal da arte e do pensamento, segundo os moldes do sonho desse emérito e imortal Péricles Moraes, glória das letras em nosso País, tal qual foram José Veríssimo, Ronald de Carvalho e Nestor Víctor.

Vindes enobrecer a tradição desta casa e encher a imortal cadeira de um dos maiores homens planiciários, que, paradoxalmente, pode ser chamado, hiperbolicamente, Homem Montanha, esse Leopoldo Péres, padrão de glória, que tombou com a alma em fogo, no brandir dos combates, quando os arados das infâmias e das calúnias lhe rasgavam as carnes, deixando esta casa vazia, para renascer na memória dos que ficaram, quando o talento, a cultura e a generosidade de Péricles Moraes, lhe reconstruiu a máscara física, a personalidade moral e a individualidade intelectual, num livro marcado com o nome rutilante de Leopoldo Peres.

Sois, portanto, chamado até nós como um denominador singular pelas vossas virtudes, pela vossa cultura, pela vossa dotação oratória, pelo vosso sacerdócio no magistério, pela vossa sensibilidade, refletida na vossa fisionomia agitada e no vosso tipo meio longilíneo, sorridente e espiritual, animando vossa física personalidade humana, cujo traço fundamental pode ser visto em harmonia com o sentido de modernidade, naquele conceito transcendente de Paul Valery: coexistência do pensamento humano, mesmo nos seus aspectos mais disparres, mais berrantes, em se tratando de um sacerdote, com as responsabilidades de educador e filho de um gênio como Dom Bosco.

Sois um homem atualizado. Sabeis onde está a verdade, e, pelo bem da verdade, entendeis da razão de ser da univer-

salidade do saber humano, fonte de vossa maior tortura, nessa sofreguidão em que viveis, lendo e pensando, lendo tudo que há de sério, em ciência e filosofia, em moral e teologia.

Talento polimático, polígrafo destemido, vossa sêde de saber vos tem dado certa irrequietude, embora encarando as cousas do mundo "sub specie aeternitatis", conduzindo tudo para os rumos eternos, combatendo o êrro sem ferir os que erram, recuando quando é necessário recuar, para que fique, no logar das lutas — não cadáveres, mas a espiritual lâmpada votiva da caridade, da renúncia e da beleza moral.

Mesmo nas lutas da inteligência, há os que não sabem vencer ou perder em função da própria inteligência ou da própria cultura. Sabemos que sempre somos em função de nós mesmos. O homem é um ser que se projeta em função de sua própria personalidade. Quando julgamos, agimos, pensamos ou escrevemos, sômos exteriorizações da interioridade dos nossos seres. Morremo-nos e ressuscitamo-nos por um processo de interiorização.

E' nesse sentido que Ibsen afirmava que escrever "é libertar demônios que habitam as células secretas do espírito". Mas não é só escrevendo que libertamos demônios. Quando falamos, quando oramos, quando agimos, eliminamos os demônios tremendos do espírito humano.

Esse fato se observa até em certas passagens de diversos diálogos de Platão, entre os quais o "*Fedro*", em que Sócrates se refere, numa passagem, quando nele despertou o "daimonion", "com o seu sinal costumeiro".

O "*Daimonion*" de Sócrates é o mesmo demônio de todos nós, gênios familiares, gênios que nos atacam familiarmente, dados certos hábitos de que somos possuídos e que nos aparecem em forma de alucinações, de vozes, vidências, intuições e atos místicos. E' aquilo que Goethe chamava "*Das demonische*", a revelação do divino no mundo, o inacessível que nos circunda. Veja-se, por exemplo, o conceito de Fritz Mauthner no seu "*Worterbuch der Philosophie*".

Pascal ou Novalis, Maine de Biran, ou Bergson, Nietzsche ou Heidegger todos foram alcançados pela mão potente do Satanaz interior.

Entre nós, os condôminos das cadeiras que aí estão, sob as luzes das inteligências imortais dos nossos egrégios patrões, viveram sob os crepúsculos dessas trevas, a embriaguez das dúvidas e dos demônios, que são os infernos dos espíritos que tentam rumos seguros na busca da Verdade.

Aqui estais pela justiça das letras, Sr. Acadêmico Padre Pereira Neto, recebendo sôbre vossas sagradas vestes sacerdotais, a laurea e o fardão de ouro do espírito deste sodalício.

Bem mereceis essa distinção, porque sois digno e iluminado de sabedoria.

Vossa vocação intelectual, como a nossa distinção de inteligência, está muito aquém de outros poderes que admitimos, e que nos fazem crer que não só a inteligência é o poder do pensamento. Alguém dissera que o gênio era uma longa paciência. Não podemos admitir, dada a crença da unidade da pessoa humana, que um fato psíquico seja função somente de um órgão, ou de um hábito, ou de um setor localizado numa região cerebral. Somos um todo, e a função de pensar dizia Platão, é uma função global.

Crêmos porisso, em face de ser isso a inteligência, a cujo serviço vos dedicastes, vos entregastes, que, depois da Igreja de Deus a que servís, vosso lugar deve ser aqui, neste cenáculo, porque servindo a Deus e aos homens pelo bem da Eternidade no sacerdócio, servís, de certo, à inteligência, nas letras, porque inteligência e eternidade são bem cousas que dão o testemunho de Deus.

Um sacerdote da estirpe intelectual vossa, é, natural e pleonasticamente, um imortal.

Há também um fermento para levedar as inteligências e os espíritos, a unidade da pessoa humana. Nos campos do mundo pensamental, há semeadores e sementeiras, glórias e graças, caminhos, verdades e vidas, Cafarnaüs, Jericós, Bathsaidas, Belens e Nazareths, calvários e ressurreições.

Nessas paragens, que são também paragens do Senhor, existem cruces de braços abertos e crucificados como Paul Claudel, Peguy, Leon Bloy, Maritain, Adriano Jorge, Leopoldo Péres.

Infelizmente a cultura e a inteligência vivem um regime de separação profunda. Sois bem um daqueles que se nutrem da simbólica opulência da magestade das árvores seculares, que dão sombras e frutos.

Como sacerdote, o vosso ministério intelectual, — que agrange constante pregação, direção de almas no Tribunal da penitência, condução da juventude e dos coirmãos, — requer um vasto e tremendo sacrifício, além de uma constante preparação cultural e moral.

Nem o cansaço, que se apresenta através do aspecto enternecedor, vos afastam do campo de trabalho e da pregação da palavra sagrada, o que sempre fazeis com erudição, sem pieguismos, profundamente, altamente cheio de cultura, irradiando centelhas, para enternecer os ouvintes e os que são ávidos da Glória de Deus e das belezas da eternidade.

Pregador cujas palavras saem pelo olhar, pelas mãos, pelos lábios, e através do heroísmo humano. Viveis nisso, segundo o intelecto. E' que sois como Platão, que consumia mais azeite na lâmpada do que vinho na taça.

A meditação, o recolhimento, a interioridade escutando as vozes dos mistérios e dos silêncios, transcendem os homens para o sutil, para aquele sofrimento de gosto de sangue que há na vida dos Shakespeare, dos Cervantes, dos Moliere, dos Proust, o escrupuloso psicólogo de "*A la recherche du temps perdu*", ou nos símbolos admiráveis do infernal Leopardi, quando falava da motivação interna de "*a alma a marear depois da tempestade*".

Vejo-vos aqui, como uma expressão da civilização, uma expressão de uma humanidade, um grito lançado através do infinito, revelando uma ideologia, que hoje é um escândalo, ante a catástrofe do mundo neste século que é um inferno, tantas e tais são as suas angústias.

Sacerdote de Cristo, nos tempos infernais que correm, muito representais para os que pensam, para os que sentem o quadro histórico do mundo no passado e no presente, dentro de todos os ângulos do pensamento humano: nas artes, na literatura, na filosofia, na poesia, na história, na ciência.

Viestes, portanto, de longe, de muito longe, de há dois mil anos, de uma concepção religiosa, a que o mundo tanto deve de bem e de beleza, de justiça e de bondade.

No agitar de vossa sotaina, no esvoaçar de vossa capa romana, há uma problemática de um grande sonho místico, uma vitalidade cultural, vivendo de crises metafísicas, mas que se apresentam uma realidade maravilhosa, que é a essência em si mesmo do cristianismo.

Só os levianos poderão fazer restrições ao mundo de belezas morais, culturais que trazeis com a vossa personalidade de sacerdote, de orador, de pensador, de educador.

O fenômeno do Cristianismo, como arte, filosofia, religião e sistema de vida é uma iluminação, mesmo diante da interpretação alucinante de um Nietzsche, que é destruída, nas

suas raízes de maldade e de loucura, pela análise extraordinária de Winckelmann.

Basta que nos lembremos que, enquanto os homens de certas civilizações progressistas, se ligam pelos vínculos das conveniências, pelos órgãos institucionais criados ou inventados, — a civilização que representais ou que trazeis a peito nú, descoberto, rasgado, ferido e sangrando, é uma civilização do espírito, que vem dos profundos do coração humano, para ligar, pela paz, e pela justiça social, a todos os homens. E' uma civilização viva, cujo oxigênio é o da paz, o da verdadeira democracia, ligando as pessoas humanas pelo espírito na Unidade.

Essa civilização imortal, que representa a maior cultura de todos os tempos, é que trazeis para encher de beleza, de bondade, de esperança a razão de ser desta casa de imortalidade, tão incompreendida, como sempre incompreendidos todos os ideais nobres, que fogem do imediatismo das contingências, para se lançar, pela força do espírito e do coração, ao mundo das ideias, da beleza, da arte e do amor.

Creio, diante de tudo isso, desse mundo imenso de cogitações que me vai rolando pela imaginação, creio, — dizia, — que uma civilização incarna uma cultura, pois a cultura nada mais é que a própria vida humana arrancada do interior do homem e projetada para as cosmogonias, para as filosofias, para as religiões.

Diante disso, um dos aspectos mais interessantes da missão das academias, no moderno conceito de cultura, de literatura, de arte, de vida espiritual, é esse que se relaciona com a sua função de força catalisadora, de poder que mantém esse clarão fulgurante de saber congregar, em tórno de símbolos do passado, do presente e do futuro, o ideal que se relaciona com as cousas do espírito, da imortalidade e do coração: a literatura, a poesia, a filosofia, a ciência, a religião.

A recepção de um intelectual, nesta casa e em tôdas as casas onde se cultúa, — pela imortalidade, — a inteligência, reveste-se deste simbolismo, por onde se identificam os homens que são representantes de culturas e de civilizações, de pensamento e de ideologias.

E' que o espírito, sendo universal, é altamente sinfônico e expressa, neste sentido, uma força orgânica, se bem que espiritual, orgânica como força ciclópica, de caráter polivalente, mas congênita aos homens de pensamento, porque só

o pensamento é universal na sua função reorganizadora da desorganização. Somos capazes, portanto, pela polivalência do espírito e do pensamento, como força de imortalidade, reorganizar, organicamente, a desorganização do mundo, que nada mais é do que a consequência da falta de presença da inteligência.

Nossa atitude é, portanto, em se contemplando o mundo que — esqueceu o espírito e a inteligência, tanto que se entregou à deshumanização e a desvitalização do homem, — nossa atitude, — dizia, — é de desolação e de piedade.

Uma distância infinita separa os homens que pensam, que leem, que escrevem, que vivem da inteligência, dos que, mesmo em se dizendo que usam da inteligência, vivem vida desintelectualizada, menosprezando a cultura, afastando do domínio do espírito os homens que são realmente os denominadores comuns da hora que passa.

Conosco também estão outros irmãos de letra e pensamento, homens que leem, que escrevem, que vivem da inteligência, embora não estejam ainda aqui dentro, sentados nestas poltronas, mas que formam aquele grupo que pertence à fraternidade branca dos homens de espírito, que esperam a hora da iniciação, nestas luzes, para falar a linguagem simbólica do gênio maravilhoso do nosso irmão grego de Samos, o imortal Pitágoras que, em versos de ouro, produziu o célebre discurso sagrado.

Essa, é uma das razões, pela qual justificamos, além dos vossos foros de saber, de orador, de educador, de intelectual, de pensador, a vossa presença excelsa, nesta casa, ontem, de Adriano Jorge, e hoje de Pericles Moraes, — esse mestre que transformou isto que aqui está, num laboratório em que traçamos planos para a real construção da República da inteligência de Platão; da Cidade do Sol de Campanella, com esse itinerário de obstinação, neste mundo asfixiante que agoniza nas trevas dos que negam o poder da inteligência, a primacia do espírito, que tanto Maritain exaltou, naquele tremendo livro "Le Primauté du Spirituel".

Nesse admirável grupo que ainda considera a vida do espírito uma vida de beleza profunda, fomos buscar-vos.

E' que havia, entre nós, uma relação de entendimento em torno do estado cultural da Academia e a vossa dinâmica atuação como homem que realisa, pela presença e pelo cérebro, uma destinação na sociedade que vos recolhe. Professor,

orador, teólogo, jornalista, sacerdote, homem de sociedade, —vossa presença entre nós era um imperativo, porque já nos tínhamos acostumado a vos admirar as qualidades de espírito e de coração.

Entre homens de pensamento como vós sois, que lutam contra animalisação da existência, há sempre uma relação social que se revela na compenetração, na transpersonalisação de cada um de nós, ou dos que vivem pelo espírito e pelas letras, pelas artes e pelas ciências, a reagir contra a negação do espírito de inteligência do mundo contemporâneo, que está asfocado por uma tremenda burguezia econômica e intelectual.

Temos um espírito que se afirma *em SER*, portanto. Contra essa presença *do SER*, reagem os tempos materializados e produzem a crise nas suas mais complexas categorias e mais trágicas consequências. *Ser* é realizar transcendentemente. *E'* dar uma presença no mundo real, na vida interior, é quando se afirmar que se *É*, concretamente, o *SER* é *ESTAR* na existência, através da experiência do *BEM*, que pode ter inúmeras modalidades, como o *BELO* e o *BOM*.

Esse sentido transcendental do *SER*, é o que realmente concretisa o valor da existência das letras, das filosofias, das artes, das religiões, das ciências que têm nos seus apóstolos e nos seus sacerdotes, a expressão suprema de sua realidade.

O mundo investe, o mundo agride, o mundo não compreende tal transcendência, e é pela realidade do espírito, cuja manifestação se apresenta nas maravilhas das próprias letras, das filosofias, das religiões, das artes, e das ciências, que o Mundo, as civilizações e as culturas, se personificam, criam vida e se transformam no maior patrimônio do Homem.

A pregação de Sócrates e os Diálogos de Platão, os discursos de Cícero, a gnoseologia de Santo Agostinho e as Sumas de Santo Tomaz, a metafísica de Leibniz, a teologia de Berkeley, a crítica de Kant, o idealismo de Schleiermacher, o tradicionalismo de De Maistre e LAMENNAIS, o contingentismo de Boutroux, o existencialismo de Jaspers, Marcel, Chestov, como o superrealismo de Santayana, ou o organismo de WHITEHEAD ou a reação de Farias Brito ou de Leonel Franca, — tudo será sempre o espírito como realidade profunda e força da existência e razão de ser de tudo, e do próprio *SER*.

Sois filósofo e sabeis que, enquanto a matéria é planura, o espírito é profundidade. Não há razão dialética que possa inverter os termos dessa verdade universal e aceita até por Hegel, cujo idealismo cada vez mais se contorce à força dos sofismas.

Não creio, entretanto, na separação entre a existência e o espírito. O mundo espiritual dirige tudo que é vital. Sob o signo do espírito, a humanidade é conduzida para os seus destinos e para a sua finalidade. Nada termina sobre a face da terra que pisamos. As crises são sinais da própria vida. Um Splengler que via a decadência do ocidente, na decadência do cristianismo, repete instintivamente a velha proclamação falida de Nietzsche no "Als Sprech Zarathustra". Sòmente é que o livro de Spengler não fala no Dionizios de Nietzsche, fala de uma alma apolínea, de uma alma fáustica e de uma alma mágica. O grande livro que tanto nos tem feito pensar, podemos dizer, que tem o seu verso no pensamento de Arnold J. Toynbee, quando diz que: "o Cristianismo na sua culminação, poderá trazer uma inconmensurável melhoria nas condições da vida social humana sobre a terra. (A civilização posta à prova", trad. de Luis de Sena, pag. 238).

Sois assim, no meu entender, uma força de reespiritualização do mundo. Da palavra ao serviço de Deus, na pregação do Evangelho, no mundo que foge do Cristo, fizestes uma cátedra, uma tribuna e um púlpito, na página mais bela de vossa existência, que é o signo da mística salesiana na pedagogia de D. Bosco.

Vossa consciência humana, enérgica, estabeleceu a luta para a melhoria social do mundo, e transformais moços de novas gerações em apóstolos do bem, naquele trabalho miraculoso, com os vossos irmãos salesianos. De certo que a luta aí é tremenda, pois muitos dos que vêm já vêm contaminados dos males do mundo e retornam, muitas vezes, sem o "signo crucis" do amor salesiano, para o campo da luta cristã, nas bases ontológicas da justiça social e da caridade.

O espetáculo, às vezes, se transmuda, e toma formas dessa ação que desenvolveis, no campo social, no campo religioso, no campo educacional e nos dais a impressão que realisais sortilégios, através da ação revolucionária, mágica, às vezes, de vossa presença, numa série de atividades cerebrais, intelectuais e espirituais.

Vossa personalidade, com esse ríjido caráter cristão, bem compreendeu aquela necessidade de um Absoluto, de que fala-

va o grande Fulton Sheen. Um homem que perdeu o sentido das futilidades da vida, tem que ser sinceramente teólogo, porque todos os grandes problemas humanos só podem ser resolvidos em base de teologia.

Talvez, nesse sentido, possamos tomar a real expressão daquilo que o grande e imortal, o extraordinariamente humano Leon Bloy, chamava para certos tipos de "*Peregrinos do Absoluto*".

A inteligência, o amor, o espírito de paz, de tolerância, o espírito de combatividade, de apostolado, de renúncia, a vontade de servir, de se colocar nas mãos de tôdas as criaturas e lutar contra o mal, contra a inveja, a calúnia, o ódio, a opressão, — todas essas cousas admiráveis e humanas, mais que humanas, como talvez podesse dizer Nietzsche, mais em outro sentido, no sentido cristão, — todas essas cousas vivem a angustiar a alma dos que se devotam à causa do bem, da cultura e da inteligência.

E' porisso que Alfred de Vigny perguntava, traçando as normas para a compreensão dos grandes destinos:

"Qu'est ce qu'une grande vie ?

Une pensée de la jeunesse, exécutée par l'âge mur".

E' o vosso caso, o caso de homens do vosso tipo social e cultural.

Assim, nessa trilha, encarnais o grande sonho de uma rehumanização do homem. Podereis passar por um incompreendido, como todos os que sonham com um mundo melhor. E' ue o problema da pessoa humana é trágico, tremendamente assombroso. Um Dostoiewsky, um Pascal, um Rodó, um Machado de Assis e tantos mestres outros sentiram a tragédia dessa verdade.

Eis porque, pensamos, que aqui, havia um desfalque nos quadros desta casa, com a vossa ausência, como *homem-símbo-lo* que sois, nesta hora de responsabilidades.

E' que homens do vosso quilate sabem o que querem, o rumo que tomam, a Verdade que procuram. Podem ser negados e renegados, tomam a cruz e seguem, montanha acima, para a frente, sob o signo augusto da própria Cruz.

Nos tempos que aí estão, difficilmente um homem poderá resistir os embates da maledicência, principalmente, ante aquele fato tremendo de haver o Cristianismo perdido aquela "força secreta", de que nos falava o gênio de Etienne Gilson.

Tudo sossobra por aí. Bárbaros novos invadem os ocidentales de nossas almas. Não se crê mais na cultura, na inteligência, na bôa fé. A Academia de Letras é ainda uma investida contra esses males, porque não pode haver civilização sem esses padrões da inteligência, sem esses estamentos hierárquicos do espírito. Como não há estado sem govêrno, nem estado sem organização, no campo da política, — no terreno da inteligência, a hierarquia dos valores, toma outra simbologia. Têm aqui outro sentido a aristocracia, a nobresa, a heráldica, a transcendência das virtudes no Pontificado da Sabedoria.

O intelectual, se torna mais humano, toma algo de sagrado, fugindo ao profano da vida. A elite se baseia na ordem sacramental dos que sabem melhor olhar o mundo e os homens, através do tesouro das letras e dos livros. Realizamos o "Absoluto", através da experiência literária, no grande mundo interior do nosso universo íntimo.

Eis porque estamos, aqui, nesta espécie de mistério Eleusis, falando de letras e artes, conversando na Academia, nesta festa encantadora, que é a vossa iniciação na imortalidade.

Não nos queiram mal porisso os que não procuram compreender que com essa festa votiva, não perturbamos a paz de outros eleitos que ainda não estão convosco.

Entrai magnificamente justificado pelos inúmeros predicados que esta douta Academia surpreendeu, nos florões de ouro de vossa heráldica espiritual.

Manaus, 27-1-956

ANDRÉ ARAUJO

Senhor Presidente.

Senhores Acadêmicos.

Bem poucos acreditarão nos desconcertantes efeitos que em mim produziu a comunicação da escolha para membro da Academia Amazonense de Letras. Côncio dos modestos recursos da minha inteligência, desabituaço aos lazeres da vida especificamente literária, entregue por officio e vocação aos trabalhos da catequese e do magistério, dentro das exigências do **munus** sacerdotal e da minha Família Religiosa, a convicção serena e inabalável que possuía era da absoluta desproporção entre êste doutíssimo silogeu e o confrade humildíssimo que a vossa generosidade insistiu em distinguir e aureolar. Conforta-me, entanto, a certeza de que mirou sobretudo o vosso gesto homenagear a Congregação Salesiana e o meu Estado natal. O Colégio Dom Bosco com a sua longa e fecunda tradição pedagógica, envolvendo em réstia de luz inextinguível figuras brilhantes nos variados setores da vida pública assim do Amazonas quanto do País. O meu Estado de nascimento, em festas neste ano, pelo transcurso do primeiro centenário de sua Capital, e que se ufana de estar vinculado à história luminosa desta Casa pela presença espiritual de dois dos seus filhos insignes que patrocina as cadeiras n.º 4 e 13, Sívio Romero e Tobias Barreto; esta, superiormente preenchida pelo talento e a retidão moral do Dezembargador Artur Virgílio do Carmo Ribeiro, e a primeira, a ser, dentro em breve, ocupada pela inteligência peregrina e a cultura vasta e notória do Dr. Aderson Andrade de Menezes. Compensam, dêsse jeito, a consciência dos meus indisfarçáveis desméritos, os dobrados motivos para reconhecimento e gratidão. '

Nem poderia calar um espontâneo sentimento de prazer em vir saudado, aos umbrais do cenáculo augusto, pelo Exmo. Sr. Des. André Vidal de Araújo, preclaro homem

de letras e de ação, herdeiro de um legado riquíssimo de cultura e devotamento à causa pública e que êle procura engrandecer com os seus dotes de espírito e a capacidade de compreensão dos problemas sociais.

Gratidão e reconhecimento imperecíveis à generosidade dos ilustrados Acadêmicos que me quiseram, unânimemente, eleger para o seu convívio, entre os quais ainda registo, com saudade e íntima comoção, o nome prestigioso de João Leda que, desde o seu leito de sofrimento, houve por bem enviar, em meu favor, o seu voto de aceitação. Ao digníssimo Presidente da Academia, alma e impulso da sua prosperidade e das suas vitórias, Mestre por excelência, cuja vida mental é uma glória permanente para a cultura do Amazonas e do Brasil.

Três nomes evoco no momento, neste nobilíssimo recinto, modelos de dedicação às letras pátrias, gênios protetores da jornada gloriosa da Academia Amazonense de Letras em que tenho a honra de ingressar. Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, Otávio Sarmento, Leopoldo Carpinteiro Péres. Três destinos diferentes, três elevadas missões, três formosas conquistas do espírito a serviço da Pátria.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha nasceu aos 4 de setembro de 1769, na sede da Capitania de São José do Rio Negro, a Vila de Barcelos, antiga aldeia de Mariuá. A família distinguiu-se por qualidades e benemerências relevantes na sociedade do tempo. Seu avô fôra capitão-mór da vila do Guamá e, em Belém, provedor-mór da fazenda real. A genitora, filha do capitão-mór da Província, descendia de Bento Maciel Parente. E' seu filho João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, o primeiro Presidente da Província do Amazonas, que aqui deixou memória indelével de chefe esclarecido, justo e enérgico. Um filho dêste, Bento Aranha, falecido no comêço do século, firmou justa reputação como jornalista e escritor, tendo dirigido o "**Arquivo do Amazonas**".

Órfão, aos 7 anos, de pai e mãe, ficou aos cuidados de um tutor que lhe fez aprender apenas as primeiras letras, para guiá-lo, de pronto, à vida do campo, inteiramente contrária às propensões do pequeno que desejava estudar. Vai ter com seu padrinho, o Arcipreste e Vigário geral Padre José Monteiro de Noronha, conhecido também no

Amazonas por seus labores pastorais, que o endereçou aos estudos preparatórios, no Convento de Santo Antônio, e às aulas maiores dos religiosos Mercedários. Pensou, então, em se dirigir para a Universidade de Coimbra, quando um confisco dos bens que lhe herdara o avô, destrói, na ardente exuberância dos 19 anos, um sonho maravilhoso de há tanto tempo acalentado. Desencantado e melancólico, vê-se reduzido às dolorosas contingências da Província, entregando-se aos encargos da pública administração, sem jamais perder a invencível atração e a fervorosa convivência das letras.

As humanidades, feitas nos moldes da época, deram-lhe ao espírito um embasamento sólido, tão firme que lhe permitirá, mesmo sem professor, aprimorar, admiravelmente, as suas faculdades de gosto e de conhecimento. Bem cedo constitui-se a figura de realce nas reuniões e solenidades onde se celebravam acontecimentos sociais ou patrióticos. Era o poeta de Belém, o jovem cantor da Amazônia que entrara, afinal, em fase de crescente melhoramento, com a operosidade dos últimos governadores.

O período histórico em que surgiu Tenreiro Aranha leva-nos, forçosamente, a relacioná-lo com Escolas ou grupos na evolução da literatura pátria. Não o faremos entanto. Ainda porque não saberia que justo e exato conceito se deva atribuir a Escolas, sejam literárias como filosóficas ou sociológicas. Nem tão pouco fôra possível agregar, em uma referência comum, poetas ou prosadores do século XVIII que se não incorporam, direta ou logicamente, à corrente estética de Minas Gerais. A sua palavra é o seu sentimento pessoal; o verso, os seus estados de alma, sempre sensível aos atrativos da natureza e da arte, sem subordinação a agrupamentos literários. Fez-se por si próprio, foi o mestre e o guia de si mesmo, cresceu no trato das musas impelido unicamente de seu íntimo esto poético, emolurado na beleza da paisagem tropical.

Em nossa história literária denomina-se êle um acadêmico. Assinalou-se a fase setecentista pelo florescer das famosas Academias ou Arcádias, crescendo, nas últimas décadas, o sôpro renovador do pensamento colonial em caminho da emancipação política a se efetivar no século imediato. Infelizmente, no domínio puro das letras a reação representa antes um retôrno para o classicismo do que a expres-

são genuína das aspirações da pátria que se consubstanciavam na conquista ansiosa de sua independência. Surpreendente, deveras, êsse distanciamento entre as idéias que formavam o *élan* vital da colônia, e os temas, os moldes, a feitura da nossa poesia voltada para a Arcádia grega, os idílios de Teócrito e as églogas de Virgílio. Não que nos faltassem legítimos e grandes poetas, como o atesta o formoso grupo que fazia a Escola, ou, conforme prefere José Veríssimo, a plêiade mineira. Mas o elemento tipicamente nacional é quase que exterior, superficial, pictórico: acha-se na moldura do quadro, na paisagem onde surgem pessoas ou se desenrolam cenas, no colorido da terra ou no fulgor dos céus, cercado o poeta de luz, de som, de encantamento. Inexistente a simbiose da alma com a natureza, os costumes, as tradições. A integração de todos os fatores externos e subjetivos para caracterizar a sensibilidade nacional.

A generalidade dos críticos situa Tenreiro Aranha em segundo plano entre os poetas do seu tempo. Que fosse, porém, realmente poeta, confessam-no todos os autores, desde Ferdinando Wolf — **Le Brésil Littéraire**, edição de 1863 — e Sacramento Blake até Ronald de Carvalho. José Veríssimo, excessivamente reservado quanto à literatura do Pará, reconhece-o por simples versejador. Ronald classifica-o entre os poetas menores que "versejam à sombra do grupo mineiro" ao lado de Domingos Vidal e Domingos Caldas Barbosa. Sílvio Romero assevera: "Como lirista Aranha tem algum merecimento. E' o classismo um pouco aligeirado pela natureza tropical". Já ensina, ao revés, Liberato Bittencourt que foi êle, em sua época, poeta lírico de justa fama; e acrescenta: "Como poeta lírico, Tenreiro havia incontestável mérito, autor que foi de belos sonetos". Declara, por sua vez, Júlio Barbuda em sua "**Literatura Brasileira**": "Literato e poeta de merecimento, escreveu, em estilo clássico, posto que amenizado pelo meio, diversas composições..." X

A sua produção literária, abundante e variada, acha-se coligida em um volume, hoje raríssimo, publicado por seu ilustre filho, João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, em Belém, no ano de 1850, e reeditado em Lisboa, no ano de 1899, por ordem do governador do Estado do Amazonas, o Exmo. Snr. Coronel José Cardoso Ramalho Junior. Traz por título "**Obras do Literato Amazonense Bento de Figuei-**

redo Tenreiro Aranha" e contém: a Oração feita em 1798, por ocasião do nascimento de D. Maria Isabel, infanta de Portugal, e sonetos, idílios, odes e dramas.

A leitura de suas composições revela do autor um espírito simples e reto, compreensivo e generoso. Os contrastes da fortuna e as torturas morais deixam-lhe um travo inalterável de tristeza, amarga mas sem revolta, que muito o distingue e enobrece. Ele mesmo o comprova na pessoa do pastor Tirseno, no idílio em homenagem de Sousa Coutinho:

"Hé tão próprio de ti viver contente,
Como em mim sem prazer; pois não ignoras
Os reveses fatais, que a dura sorte
Tem sôbre o colo meu descarregado:
E ainda estranhas o ver-me sempre triste
Neste lugar deserto e retirado,
Entregue a pensamentos magoados?"

Pode-se talvez censurar-lhe nímia facilidade para o elogio e a exaltação. Fruto do seu coração bondoso, largo, cristãmente plasmado à luz da fé profunda que lhe dava dos homens uma visão constante de grandeza e dignidade. Daí, particularmente, o conceito alto e vívido que se formava de todos quantos, revestidos da autoridade de chefes, governantes ou monarcas, representavam o mesmo poder de Deus na direção das nações e do mundo. Dessa forma exalça a figura do governador da Capitania de São José do Rio Negro, o bravo Manuel da Gama Lobo de Almada:

"Eu celebro a virtude, ao Gama louvo,
Ela só, ela é digna dos meus versos,
Vamos sinceros coroar de louros,
De um digno herói a frente".

Estrofes mais adiante, atinge o extremo do entusiasmo em versos que pagam evidente tributo às hipérboles do estilo clássico:

"Não foi o grego Aquiles e o troiano
Enéias, Godofredo, nem aquêl
Que de Adamastor dobrou a cerviz dura
Mais digno que êste Gama".

Para D. Francisco de Sousa Coutinho, governador do Pará, recolhe louros e cantares, enlaçando pastores e ninfas numa elevação de apoteose. Deante do trono de Portugal prostra-se, genuflexo, em atitude de absoluto respeito e submissão, consoante se verifica da Oração que proferiu nos idos de 1798, em louvor de D. Maria I. O destino glorioso de Portugal acha-se diretamente ligado à grandeza e à missão dos seus reis, à sua nobilíssima tradição monárquica, expressão da unidade e do vigor daquela sábia política com que Deus rege povos e estados. Recebe o trono firmeza e estabilidade da Religião, dos seus princípios e das suas normas, do complexo das verdades que ensina e constituem um facho de luz para a inteligência, e das virtudes superiores que a enaltecem e asseguram aos homens prosperidade, sob o signo da justiça e da paz. O confronto que estabelece com os excessos, os desmandos, as crueldades da Revolução Francesa, cujos ecos haviam chegado até ao Brasil, permite-lhe convictamente afirmar que só a Religião Católica, inspirando homens e pátrias, e por êles integralmente aceita e lealmente servida, poderá sustentar tronos e reinados. As dinastias da Lusitânia, nascidas entre os braços da vitória e da Igreja, nos campos heróicos de Ourique, cresceram e se desenvolveram à sombra da fé que lhes comunicou o segredo dos triunfos e da sua decidida vocação cristã.

Nem se lhe pode negar, a Tenreiro Aranha, patriotismo sincero, cheio daquela exaltação franca e serena, que procede da consciência da grandeza da terra, da capacidade dos seus filhos, do seu amadurecimento para a autonomia de governo. Lá se encontra, no drama que dedicou a D. João VI, logo após seu advento ao Brasil, o clamor do Gênio da pátria:

“Viva, viva, repita o Brasil todo,
O grande imperador do Novo Mundo”.

Em seguida, na cena quarta, o gênio do Cabo Frio:

“E vós, ó povos do Amazonas rico,
Que sois por esta parte os defensores
Dos sagrados limites invioláveis
Do novo quinto-império em fim chegado”.

Dentro dessa glória que descantam os gênios da terra jovem e maravilhosa, como que em derredor do trono de Bragança, perpetuado no solo do Brasil, pressente e exalta o poeta a viva e imprescindível participação que caberá ao Amazonas. É o mesmo gênio do Sul quem o proclama em nome de Deus:

"Ele mesmo assim quis, ó rio ilustre,
Que tu sejas o empório do universo,
Que desde o Indostão té o Amazonas
Busquem tua aliança, o teu comércio,
Que venham cultivar teus férteis campos
Povoar teus sertões vastos e imensos
De tôdas as nações milhões de humanos.

.....
Formando unidos...
De teu cetro suave e dilatado,
Um só povo e nação, um mesmo império".

Mas o Tenreiro Aranha que devemos acima de tudo procurar, é o lírico, em composições que traduzem os flagrantos de sua vida subjetiva, suave e nobre, capaz das emoções mais tranquilas da alegria como de enternecida compaixão dos infortúnios alheios, marcada singularmente daquela vinco de melancolia que lhe sobredoiira o coração de indizível grandeza e formosura. São os seus sonetos, que melhor exprimem não só os seus fenômenos interiores senão que o identificam na verdadeira poesia. Mau grado a forma e os processos clássicos em que são moldados, exteriorizam naturalidade e viveza de inspiração. Três, entre outros, me parecem mais característicos da sua sensibilidade. Um que disse de improviso, em celebração patriótica, olhando a inscrição da pequena bandeira que encimava um Castelo de confeitaria no palácio do govêrno do Grão-Pará: "**Do luso invicto as Armas triunfantes**". Aludia aos feitos das armas de Portugal depois da Invasão dos Franceses e à conquista de Caiena onde haviam lutado briosos paraenses. O soneto, sob o título "**A um passarinho quando o autor sofria vexações**", está em Sílvia Romero, na Antologia Ama-

zônica de Eustáquio de Azevedo, e na Antologia Brasileira de Eugênio Werneck, que o transcrevem com apreciações encomiásticas. Retrata, com acentos maviosos, a sua alma sofredora e cristã:

"Passarinho, que logras docemente,
Os prazeres da amável inocência,
Livre de que a culpada consciência
Te aflija, como aflije ao delinquente;

Fácil sustento e sempre mui decente
Vestido te fornece a Providência;
Sem futuros prever, tua existência
É feliz limitando-se ao presente.

Não assim, ai de mim! porque sofrendo,
A fome, a sede, o frio, a enfermidade,
Sinto também do crime o pêso horrendo...

Dos homens me rodeia a iniquidade,
A calúnia me oprime, e ao fim tremendo,
Me assusta uma espantosa eternidade".

Todos já terão lido a produção que resume, de certo modo, a poética de Tenreiro Aranha. Que o tornou, incontestavelmente, mais conhecido no mundo das letras. Sua obra-prima. O soneto dedicado à mameluca Maria Bárbara, mulher de um soldado, cruelmente assassinada no caminho da Fonte do Marco, perto de Belém, porque preferiu a morte à mancha de infiel ao seu espôso. Não me furtarei ao prazer de repetí-lo:

"Si acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao espôso, aflicto, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco fêo ao corvo altivolante.

Que d'um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata d'esta sorte,
Porém que alívio busque à dôr amara,

Lembrando-se que teve uma consorte,
Que, por honra da fé que lhe jurara,
À mancha conjugal prefere a morte".

Múcio Leão publicou-o em sua coletânea **"Autores e Livros"**. Laudelino Freire já o enfeixara no volume **"Sonetos Brasileiros"**. Alberto de Oliveira cravejou-o em suas **"Páginas de ouro da Poesia Brasileira"**. Isso vale, de si mesmo, por verdadeira consagração. Razões sobejas assistiam, portanto, ao Cônego Francisco Bernardino de Sousa, de proclamar, com a sua indisputável autoridade: "Foi Tenreiro Aranha um dos mais inspirados, senão o mais inspirado poeta que tem produzido o Amazonas.

Os seus sonetos são notáveis pela elegância e correção da frase, e entre êles passa como um verdadeiro primor o que vai abaixo transcrito e que tão popular é no Pará.

... escrito por ocasião do assassinato de uma mulher mameluca, Maria Bárbara..."

O lirismo ajustava-se bem mais adequadamente às tendências e ao feitio psicológico do poeta. E vai nisso título maior de louvor para sua vida literária. Afinal, a poesia lírica é, essencialmente, a poesia brasileira. Trazida dos campos floridos da Provença e da Ibéria, dos trovadores populares que a sorveram das mesmas raízes eternas da sensibilidade latina, aqui recebeu novo vigor e sinete inconfundível ao contacto com a natureza exuberante, os céus encantadores, o sangue de raças sofredoras e ardentes. É a poesia que nasce e jorra dos mananciais cristalinos do espírito, espontânea, doce, transbordante. Expressão dos nossos recônditos e desconhecidos sentimentos. Característica dos nossos impulsos instintivos, da nossa inquietude, da nossa angústia, da torturante e indefinível tristeza que marca a alma e o coração de todo brasileiro. Foi o gênero poético em que exceleram os altos representantes do grupo de Minas, contemporâneos de Tenreiro Aranha, e os mais autênticos poetas do Brasil.

A Academia Amazonense de Letras, à distância de um século do seu trespasse, ocorrido em 25 de novembro de

1811, quís, muito intencionalmente, reviver-lhe a memória, elegendo em Patrono de uma de suas cadeiras, o primeiro poeta que, às margens do soberano dos rios, cantou, com vibração e beleza, a Amazônia misteriosa e deslumbrante.

Otávio Sarmiento foi o primeiro a preencher a poltrona patrocinada por Tenreiro Aranha. Integra a imponente constelação dos Sócios Fundadores da Academia para onde trouxe como credenciais indiscutíveis o jornalismo e a poesia. Militou, galhardamente, na imprensa local, e, na redação do **Jornal do Comércio**, portou-se com denodo e dessassombro.

Grangeou-lhe fama, de preferência, o seu estro poético. Seus versos estão esparsos em jornais e revistas: lamentavelmente, não nos deixou um volume. Livre, embora, das injunções de escolas, não se lhe pode negar a forte influência parnasiana. De feito, viveu Sarmiento a quadra dos vates insignes que se apelidaram Teófilo Dias, Raimundo Correia, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, e não podia, sensibilidade finíssima que êle era, furtar-se aos efeitos prodigiosos da sua arte e da sua inspiração.

Seus sonetos são joias de alto preço. Pelo conceito e a forma, a estrutura e o acabamento. Ritmo e rima. Côr e sonoridade. Uma incessante aspiração de beleza que se não associa, entretanto, a impassibilidade ou a "pitorescos aspectos descritivos". É reveladora de fatos interiores, simples e ternos, complexos e violentos.

Recordo, entre outros, dois que abordam em ângulos diversos, mas de modo original, o tema da felicidade. O contraste e a plástica fazem pensar em Bilac ou Raimundo Correia, sem esquecer, por igual, os peregrinos versos de Antônio Tomás. Intitulam-se: "**Fogos-fátuos**" e "**O raio verde**". Que será fogo-fátuo senão uma luz, ansiosamente sonhada, e sempre mais distanciada, a que se chama felicidade?

"Assim na vida, às vezes, docemente
Surge o clarão de uma esperança ardente
Iluminando a nossa mocidade:

"Em vão tentamos alcançá-lo um dia,
Pois seguimos a chama fugidia
Do fogo-fátuo da felicidade"!

O raio verde é a esperança. Miragem procurada e inatingível, enchendo a alma do poeta de um amargor inevitável de angústia e de melancolia. O soneto é de 1925, um ano antes de seu decesso. Reflete, por ventura, as dôres da enfermidade e as desilusões da vida modesta e retraída. Eí-lo:

"Os mares a sulcar, é vêzo antigo, quando
A nau serena vae e o sol abraza o poente,
Deter-se junto à borda, emocionada, a gente
Um veio de esmeralda entre as nuvens buscando . . .

Das ondas ao marulho, eu também, docemente
Dos sonhos meus seguindo o fantasioso bando,
Claros céus perscrutei largos dias, pensando
Fitar a doce luz que se esvae num repente.

E hoje, afinal, chegado ao termo da jornada,
Hoje que, enfim, a nau o último porto alcança,
Minh'alma o desengano horrível traz prostada,

E o triste coração de mil pesares junca:
Ai, nunca pude vêr o signo da Esperança,
Ai, nunca pude vêr o Raio Verde, nunca"!

Composições como essas bem podem figurar em antologia, para modelo de linguagem, de estilo, de concepção.

Mas Otávio Sarmiento é, geralmente, conhecido como autor de "**A Uiara**". Lenda tipicamente amazônica, rimas interpoladas. Criação original. Militão, pobre sertanejo do Ceará, privado da espôsa e da filhinha que a sêca trucidou, entrega-se, roído de saudade e de tudo desenganado, a misteriosa aventura do Amazonas. Viaja em companhia de um conterrâneo, já seringueiro, com quem penetra o interior da floresta para a conquista da borracha. Uma noite fatídica, da margem do lago encantado, que basta mataria segregava, ao esplendor do luar, desaparece para sempre o nordestino, arrastado para o seio das águas pelo canto e a beleza fascinantes da Uiara.

A composição é variada, ágil, vigorosa. A descrição, por vezes circunstanciada, nada tem de cansativo ou monótono. O quadro tétrico da sêca e a retirada dolorosa dos flagelados. A morte, em plena estrada, da espôsa e da filha, sepultadas, sob a areia, sem flôres nem cruz. O panorama variegado e imenso que se sucede, em série de renovadas surpresas, aos olhares de Militão enquanto sobe o Amazonas. Os rios, as matas, os igarapés. A flora e a fauna. As cidades ribeirinhas com seus traços individualizantes. Os mitos e as lendas. A fadiga diária na exploração do cautchu. O canto da Uiara. Finalmente a tragédia.

"Foi assim que, no velho barracão,
Por uma noite perfumada e clara,
Ouvi contar o fim de Militão,
Preso nas garras da formosa Uiara".

Mas, o que é a Uiara? Estava eu a concluir pelo seu símbolo formoso e soberbo, quando se me depara esta página da prosa elegante de Alvaro Maia, **Paraíso verde**:

"Há uma encantadora ficção, de que se aproveitou Afonso Arinos para uma de suas páginas nativistas, em que se acha exteriorizada a atração da terra sôbre o indivíduo, — a yára. Um índio viu um dia, mergindo do Rio Negro, uma robusta mulher de longos cabelos fulvos, que exhibia, rodeando-lhe a cabeça perfeita, a corôa do sol agonisante, e que estendia as mãos, traçando gestos demorados de brandura.

O selvagem, vencido pelo encantamento e cedendo ao convite que lhe era dirigido de forma tão impressionante, arrojou-se às águas revoltas para nunca mais voltar, sepultando no silêncio a sua ventura letal. E, assim, as yáras, herdeiras das Amazonas, atraem ao paraíso verde, escapando aos seus palácios ocultos em rios e lagos, os viajantes, os exploradores, os filhos do trabalho: a lenda é um symbolo, — o symbolo dyonisiaco e proteiforme da terra, encarnado na yara, a prender todo aquele que se lhe aproxima, todo o que alonga os olhos à sua feracidade, não para condenação e o desespero da morte, mas para o esplendor voluptuoso e eterno da vida".

O poema é lírico. Linguagem correta e exuberante. Colorido tropical. Ritmo e sonoridade. Alguns versos,

realmente magníficos. Quer-me parecer que representa êle para a conquista do **Hinterland** amazônico mais cu menos o que significa o **Caçador de Esmeraldas** de Olavo Bilac para a arremetida épica das Bandeiras.

Falecido trinta anos atrás, a poesia de Otávio Sarmen-
to resiste, invulnerável, à fatal corrosão do tempo e aos rigo-
res da crítica hodierna, chancelando e consagrando um
lídimo e brilhante poeta.

Leopoldo Péres é o meu glorioso, magnífico predeces-
sor. O segundo ocupante da cadeira patrocinada por Tenrei-
ro Aranha, e que, durante anos, transformou em verda-
deiro carro de triunfo, pelas altitudes do seu pensamento, a
magia do verbo, a cintilação da sua pena magistral e fecun-
da. Esplêndido e magnífico mostrou-se êle em tôdas as
irradiações de sua prodigiosa atividade espiritual, dizendo
ou escrevendo, na cátedra ou na tribuna, no fôro ou no
parlamento. Morto na plena maturidade dos anos e de
uma vida mental por todos os títulos singular, sente-se-lhe
a presença viva, impressiva, inapagável no coração do
Amazonas que tanto engrandeceu.

O professor Péricles Moraes escreveu-lhe a biografia.
Evocação vibrante do grande morto, tecida dos primores da
sua prosa, enflorada das pompas do seu estilo pessoal, ilumina-
da daquela unção terna e suavíssima de amizade que
mais se estreita e se embelece na tortura da ausência e da
saudades. Ninguém mais autorizado do que êle — confe-
rsa-o, franco e resolutamente — para depôr sobre "essa grande
vida". E grande vida, trajetória estelar foi, na intelectua-
lidade do Amazonas, a passagem de Leopoldo Péres.

Ao encerrar, entre comovido e desconcertado, o capí-
tulo, que é o fecho de cúpula do artístico volume, intitulado
"Entre as fronteiras da vida e da morte", afirmo que, muito
além da espontânea, tácita solidariedade ao pesar incontido
do autor pela partida eterna do amigo, foi a minha mágoa,
a minha desilusão, a minha inconformação de não ter
conhecido Leopoldo Péres. Acompanhado os momentos
culminantes de sua atuação nas diversas esferas das letras.
Ouvido a sua palavra flamejante. Sentido o prestígio de
sua inteligência escalando, soberana, as montanhas inacces-
síveis do pensamento.

Avaliais, por consequência, o quanto me constrange dever rememorá-lo, retraçar-lhe os sinais definidores da fisionomia de beletista e de pensador, justamente entre os que mais o conheceram e admiraram. Pertence Leopoldo Péres à privilegiada estirpe das vocações intelectuais. Trazia do berço a propensão inelutável para as realidades do espírito. Acuidade mental, memória incomum, poder admirável de assimilar, facilidade de concentração, método e dedicação nos estudos. Salaria o biógrafo que, ao término do curso das humanidades, alcançara todos os prêmios de honra nas disciplinas do programa. Enriqueceram e aprimoraram-se, com os dias, aquêles dotes indispensáveis e peculiares à vida da inteligência, abrindo ao espírito, na amplitude e na variedade dos conhecimentos, a visão clara e segura dos problemas universais.

Em Leopoldo Péres jamais se dissociam pensamento e palavra. A geometria surpreendente das idéias corresponde o encantamento do estilo. Nem se deixou enlevar pelos atrativos do intelectualismo puro nem pelo enlêvo do esteticismo acadêmico, miragens de irreprimível sedução para temperamentos como o seu, e que bem poderiam tê-lo retido no círculo fechado de um sibaritismo literário ou da disponibilidade mental. Fugiu para a vida. Atirou-se para a ação. Procurou, ansioso, a verdade transcendente, palpitante, total, que lhe desse o sentido profundo da existência, e, convertida em energia interior, lhe assegurasse coragem e incitamento para a realização dos supremos ideais humanos e cristãos. Foi, antes de tudo, "um campeador das idéias". Têmpera firme de batalhador, esteve sempre a sua pena e a sua eloquência a prol das causas que elevam e dignificam.

Primeiro, um autêntico professor. Os vastos horizontes da cultura geral, o domínio discricionário das disciplinas que lecionava, a simpatia contagiante dos gestos e maneiras, tornavam-lhe as aulas extremamente atraentes, um inexaurível embevecimento espiritual. Atestam-no, com entusiasmo e ufania, os fastos do Ginásio Amazonense e do Colégio Dom Bosco onde ensinou Língua portuguesa e Literatura geral, e, particularmente, a nossa Faculdade de Direito que tanto prestigiou na cátedra de Direito civil e penal. Mereceu-lhe a competência de jurista a honra desvanecedora da escolha em 1935, para Relator geral

da Constituição Política estadual, e para Delegado, no ano seguinte, da Ordem do Instituto dos Advogados do Amazonas ao 1º Congresso Nacional de Direito Judiciário, onde surpreendeu pela eloquência e pelo talento.

E a sua autoridade no fôro? Classifica-o Péricles Moraes o mais eminente criminalista do Amazonas, depois de Heliodoro Balbi e Araújo Filho. E assere: "Não era só o espírito literário e a cultura jurídica que contribuíam para o êxito de suas causas. Era, sobretudo, a eloquência sem contraste de suas orações, a exuberância e a pureza clássica de sua linguagem, a **gouaillerie** de índole gaulesa dos seus apartes, a lógica de suas deduções, em suma a pujante musculatura mental de uma cerebração habituada aos altos problemas da cultura universalista".

A eleição para Presidente da Associação Amazonense de Imprensa, por sufrágio unânime dos confrades, foi recebida com calorosos aplausos ainda por parte de seus adversários irredutíveis. Clovis Barbosa, entre outros, urdiu acêrca dessa escolha justíssima sinceros e lisongeiros comentários. "Praticando o grande jornalismo — escreve êle — espiritualizando suas tarefas, abriu esplêndidos caminhos, que o elevaram ao respeito público e à alta administração. Apesar de grande jornalista, de retratista e criador de emoções, dominando desde a notícia social, do tópico inconsequente à reportagem, ao artigo doutrinário, à entrevista com a figura de relêvo internacional, é, contrariando a tese de Gilberto Freire, capaz de dirigir o grande jornal, de administrar a sociedade dos seus companheiros de imprensa". E lá está, para corroborar a verdade e o valor de testemunho tão insuspeito, o discurso que então proferiu delimitando a natureza e a missão da imprensa, a vocação para o jornal. Ressalta ligações íntimas que sempre vigoraram entre os legítimos homens de letras e o jornalismo em cujo "batente" e em cujas íncudes faíscantes forjaram a própria personalidade e afiaram suas armas. Repunha, afinal, em seu emolduramento precioso, a figura do jornalista: "O indivíduo não há de campar o jornalista só por escrever num jornal. Porque ao jornalista, duas condições, no mínimo, rigorosamente se pedem: o tirocínio do ofício e a idoneidade bastante para exercê-lo... E com tanto maior certeza, quando se atente para a observação de Lucien Romier, no assinalar que os melhores jornais que elaboram e conduzem

a opinião, não se nos deparam, hoje, aquêles que encerram a melhor matéria informativa ou doutrinária, senão principalmente os que utilizam com um máximo de perícia e virtuosidade, **l'art de la mise-en-page**. O que implica admitir que há, não apenas uma ética, mas também uma estética do jornal”.

Tema para interessante e sugestivo ensaio proporciona, por sem dúvida, a atividade política de Leopoldo Pères. Para êle, porém, vincula-se a política, fundamentalmente, à concepção clássica de Aristóteles. A ciência de governar, subordinada, por isso mesmo, à moral. Governar é dirigir para o bem comum, a saber, a completa prosperidade temporal, os membros de uma comunidade juridicamente organizada. A política é o exercício esclarecido e reto da autoridade em favor do bem estar coletivo. Donde a gravíssima responsabilidade de todos os que governam, sobretudo os príncipes, de cuja capacidade de inteligência e de ação decorre a ordem, a justiça, a felicidade dos povos. Foi inspirado nessa elevada ideologia que escreveu os seus substanciosos volumes **“Política e Espírito do Regime”** e **“Getúlio Vargas, o Homem e o Chefe”**, saudando na pessoa do preclaro e desditoso Presidente Vargas, aquêle herói carlaileano, capaz de penetrar as raízes mais fundas da nacionalidade, captar-lhe a seiva impetuosa e luxuriante, transformando-se no “condottiere” esperado das aspirações do Brasil para o reencontro decisivo do seu destino histórico...

Não quer isso dizer que não houvera baixado também até à planície. Que não tivesse conhecido as contingências da política partidária. Muito pelo contrário. Sentiu-lhe, de perto, os imprevistos, os precalços, as asperezas. Os colorosos, desconcertantes desenganos. Sofreu, clamou, reagiu estoicamente. Batalhou e venceu. Sempre impedido pela vontade resoluta de servir ao povo, ao estado, à sua pátria. Construindo, reerguendo, consolidando. Lampejou-lhe, nesses assomos, ao espírito, a arrojada idéia, que propôs e defendeu com dessassombro no Congresso Federal: o Plano de Valorização Econômica da Amazônia. Uma visão total do fenômeno amazônico em sua complexidade e em suas imensas ressonâncias, nas possibilidades de objetivo equacionamento, e na fixação das condições concretas para soluções definitivas. A recuperação econômica revigorará

politicamente a região, garantirá ao homem meios mais variados e decisivos de reafirmar a sua grandeza e a sua ação transformadora. Valerá, dessarte, por um novo descobrimento da Amazônia, o domínio progressivo e organizado de todos os seus recursos de produção, a sua definitiva incorporação na vida, na soberania, na marcha vitoriosa do País.

Não quero, entretanto, olvidar, no dinamismo extraordinário de Leopoldo Péres, a sua insofreável tendência para o pensamento puro. Familiarizara-se, através da meditação diuturna, com as correntes filosóficas modernas desde Descartes e Kant até Bergson e Maritain sem preterir os mestres do alto existencialismo que tanto o impressionavam. A análise da metafísica de Berdiaeff, o confronto entre Bergson e o nosso Farias Brito com o exame de suas respectivas doutrinas, demonstram-nos a claridade, a precisão, a agudeza mentais imprescindíveis para quantos se devotam à ciência de Sócrates.

As conferências que proferiu no Centro Dom Vital, fundado em Manaus, ao tempo de Dom Basílio Olímpio Pereira, por iniciativa ardorosa de André Araújo, seu primeiro Presidente, acrescem-lhe a auréola de lídimo pensador cristão. Visualizava, com superioridade, a figura de Jakson de Figueiredo a quem cognomina "O restaurador da inteligência no Brasil" e "O anunciador da Ordem Nova". À semelhança de Maritain, responsabiliza Descartes pela ruptura da filosofia com o passado, portanto, com a tradição que era a harmonia entre o espírito e o ser, entre a razão e a fé. Daí os seus desencontros e os seus desacertos tão clamorosos. A perda da unidade e do equilíbrio. A desintegração do plano metafísico, trazendo em resultado o domínio do agnosticismo, ou seja, a negação do poder da inteligência que só chegará a restaurar-se no reencontro vivo com a verdade integral. Esta, porém, só se plenifica na aceitação da mensagem eterna da Igreja. Jakson foi para o Brasil o restaurador da inteligência sob o signo da fé, porisso, o condutor glorioso de nossas almas para aquelas "verdades metafísicas" de que falava Pascal, e capazes, elas unicamente, de aplacar "a nossa angústia de infinito". Para realizar êsse ideal nobilíssimo impõe-se a criação de uma nova estrutura, dentro dos conceitos de ordem e hierarquia, à luz vivificante do Catolicismo. Reação enérgica às investidas dissociadoras do ceticismo e do naturalismo e

afirmação poderosa dos valores imperecíveis do espírito que alicerçam, no tempo, a Cidade de Deus. Estudando e interpretando a obra do inquieto sergipano, Leopoldo Péres integra-se, plenamente, nos roteiros perenes, luminosos, transfiguradores da filosofia cristã.

A sua capacidade de abstração e de síntese segue-o, invariavelmente, por tôdas as províncias das letras e do pensamento que procurou explorar. Haja vista aos estudos políticos ou sociológicos onde revisa e aprecia, com justeza e percuciência, as idéias de Alberto Tôres, Oliveira Viana, Azevedo Amaral. Os ensaios relativos a Ester Leão da Cunha Melo, Benjamin Lima e Péricles Moraes são preciosidades de fino labor. A sua crítica, em estilo moderno, visa a fixação objetiva da obra e da **psiqué** do autor, seu enquadramento natural no tempo e nas circunstâncias em que viveu, para melhor identificá-lo na harmonia dos seus aspectos dominantes. Sincronização da forma e do conceito que nos enseja o contacto direto com a inteligência, a sensibilidade, a vivência própria do escritor.

O estilo e a idéia nele se dissolvem num sortilégio de ritmos e de esplendores que confere a tudo quanto produziu, vida, beleza, imponência insuperáveis. Foi, em verdade, um paradigma do homem de letras, sentindo, a cada instante, a congênita atração da arte e do pensamento, mas vivendo as realidades ambientes do seu povo e do seu País, e buscando, com vigor e pertinácia, vazar êsses múltiplos elementos na concretização de uma obra intelectual opulenta e imorredoura.

Senhores Acadêmicos:

Deixo, na evocação emotiva do meu insigne Patrono e dos dois formosos espíritos que me antecederam, a homenagem fervorosa, ardente, de admiração e respeito e amor ao Amazonas. Como desejara que as minhas palavras tivessem cintilações de estrêlas, o ecoar sonoro das suas caudais gigantescas, a sugestão mágica dos seus cenários indefiníveis, para erguer, nesta hora augural de triunfo, as minhas laudes ao Amazonas. Grande nas balisas inatingíveis das suas fronteiras e da sua história, na riqueza inigualável das suas lendas e das suas tradições, na galhardia, nobreza e intelectualidade dos seus filhos. Terra misteriosa

de sonho e inspiração, na suntuosa policromia da selva, musicalidade dos seus pássaros, no deslumbramento dos seus céus enluarados, rasgando ao espírito dos filhos perspectivas imensas e iluminadas para os seus itinerários de arte, de poesia e de pensamento.

Ante o espetáculo dominador da sua natureza e o indecifrável segrêdo das suas fascinações, sentimos, vivo e poderoso, o simbolismo do canto da Yara. Vir ao Amazonas ou nascer no Amazonas, principalmente viver no Amazonas, é experimentar, nas profundezas do próprio ser, o anseio e a felicidade de amá-lo e de servi-lo. De se fundir na mesma alma da terra e da gente. De formar na legião de todos os que por aqui passaram, através da jornada epopéica de quatro séculos, anônimos ou cheios de glória, trabalhando e sofrendo, a lutar e a morrer pelo seu engrandecimento e a sua continuidade.

Praza aos céus que a Academia Amazonense de Letras, fiel aos seus compromissos de ação e de pensamento, venha a realizar, dentro do ritmo de progresso da gleba tumultuária e misteriosa, a sua missão suprema de beleza e de cultura, reunindo, ao prestígio da unidade e da ordem, que são duas expressões vivas do espírito, as fôrças pujantes e múltiplas da inteligência planiciária para o soerguimento, a transfiguração, a arrancada heróica e triunfal co **AMAZONAS.**



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA